

DESCARTES E A GÊNESE DO FILOSOFAR MODERNO A PARTIR DE UM MÉTODO PARA A FILOSOFIA

CAIO OLIVEIRA SOUTO

Discente | Curso de Bacharelado em Filosofia

Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR)

Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNSV)

E-mail: caio.olsouto@gmail.com

Resumo: O filósofo René Descartes influenciou toda uma geração na filosofia. Seu método propõe uma dúvida provisória, que conduzirá o indivíduo na busca pela verdade. O pensador enfrentou problemas que precisou desenvolver uma moral provisória para escapar de perseguições. Além disso, investigou Deus, a fim de garantir que Ele não fosse um gênio maligno, o que posteriormente ajudou a provar a existência das coisas.

Palavras-chaves: Dúvida. Gênio maligno. Moral. Religião.

54

1. INTRODUÇÃO

O filósofo francês, René Descartes, é considerado um dos precursores da filosofia moderna. Seu pensamento foi essencial para a discussão da metafísica, da epistemologia, da ética e da matemática modernas. Rompendo com o pressuposto medieval – que centrava em Deus o critério da verdade –, com Descartes, a dúvida passou a ser um critério para se chegar à verdade, sendo ela uma dúvida metódica diferenciando do pensamento cético. Marcando, portanto, uma grande cisão com os dogmas e as autoridades religiosas vigentes na época.

Suas obras de maior influência, *Discurso sobre o método* e *Meditações metafísicas*, inauguram uma reviravolta na forma de fazer filosofia. No *Discurso*, o filósofo propõe a reconstrução da casa do saber a partir de um método. Ele afirmará também, que, apesar de ter funcionado com ele, não é algo dogmático, muito menos uma obrigação que todas as

pessoas devem seguir, pois o que funcionou para ele, não necessariamente servirá como método para todos.

Logo no começo do *Discurso* Descartes deixa claro que o bom-senso é algo positivo, e que todos que pensam a filosofia refletem com a intenção de se alcançar a verdade. Propõe, em primeiro lugar, a dúvida como método que ajudará a guiar a razão para chegar à verdade. O problema é intensificado no ponto em que essa dúvida chega a um extremo, no qual nem Deus escapa da avaliação hipotética do gênio maligno, para não deixar nenhuma dúvida no filósofo: e se tudo que conheço foi colocado em mim através de um deus enganador ou um gênio maligno? Essa hipótese será essencial para, em determinado momento de sua reflexão, provar a existência tanto de Deus, quanto das coisas.

Ademais, seu pensamento marcará uma ruptura com o paradigma da época, abandonando a filosofia, a teologia e a tradição na qual ele foi educado para a aplicação de seu método. Sendo relevante pontuar que o objetivo dele não foi ensinar o que ele aplicou, mas compartilhar o que, para ele, conduziu a razão própria. A partir disso, discutiremos o seu pensamento e a relevância para sua época, mostrando como o referido autor foi relevante para a história da filosofia, bem como para todos os que se aventuram em busca da verdade.

55

2. EXPLICITAÇÃO DO MÉTODO “CARTESIANO” PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES SÓLIDOS

A priori, Descartes compara o conhecimento a construção de uma casa. Tendo esse ponto de partida, ele afirma que se a construção começar de uma maneira equivocada, não tem como ter estruturas sólidas. Essa crítica é dirigida ao período medieval, que carecia de um método rigoroso, além de ter as tradições religiosas como um guia. Essa reflexão terá início após o filósofo constatar que a verdade é algo complexo, não é possível inferir verdades sem ter um sólido fundamento inicial. Por isso, ele começará a derrubar os muros para reconstruir a casa, colocando tudo em ordem, iniciando assim uma grande mudança na filosofia, afirmando que:

É verdade que não vemos deitarem por terra todas as casas de uma cidade com o único propósito de refazê-las de outra maneira e de assim tornar as ruas mais bonitas; mas vê-se bem que muitos derrubam as suas para reconstruí-las, e que, às vezes, são mesmo obrigados a fazê-los, quando em perigo de caírem por si sós, por suas fundações não estarem muito firmes (DESCARTES, 2018, p. 19).

Essa afirmação marcará um rompimento com a tradição de pensamento que o precedeu. Por conta desses questionamentos, Descartes foi alvo de censuras e perseguições. O fato de ter sido perseguido foi importante para a construção do seu pensamento, pois além da criação de um método ele fundará uma maneira de viver com base apenas em uma moral provisória, que posteriormente garantirá ao pensador uma boa estadia local para o livre pensamento. Marcado por uma “reforma na casa”, o pensador precisará de uma pedra fundamental, dessa maneira, a proposta do autor é um método dividido em quatro partes, sendo elas respectivamente: dúvida, divisão, organização e revisão. No primeiro ele afirma que:

56

O primeiro era nunca aceitar nenhuma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e nada compreender em meus julgamentos além do que se apresentasse tão claramente e tão distintamente à minha mente, que eu não tivesse nenhuma ocasião de colocá-lo em dúvida (DESCARTES, 2018, p. 23).

Esse primeiro passo implicará na queda dos “muros” do conhecimento. Tudo é passível de ser colocado em dúvida. Se alguém não tem certeza de algo, deve-se tomar por falso, ao menos num primeiro momento. A consequência dessa postura metodológica é que ela pode levar o indivíduo a um ceticismo extremo. Para isso, é necessário diferenciar a dúvida dos céticos, da dúvida metodológica. A primeira impede qualquer tipo de certeza, seja esta afirmativa ou negativa. A segunda, por outro lado, pode ser considerada de uma dúvida

“provisória”, ela é que conduzirá a razão humana em direção a uma certeza. Ou seja, “isso quer dizer que, desde o início da *primeira meditação*, Descartes estava disposto a assumir como completamente falso aquilo no qual houvesse a menor dúvida” (COELHO, 2023, p. 27, grifos do autor). Se de fato existe algo, eis aí o caminho aberto pelo primeiro passo do método, para chegar a uma certeza, ou seja, “a dúvida cartesiana visa, portanto, a busca do indubitável” (SCRIBANO, 2007, p. 30). Um fio condutor que levará a construção sólida do conhecimento.

Tendo iniciado o método com a dúvida, chegamos então no segundo passo, que consiste na divisão: “o segundo, dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas se pudesse, e quantas fossem necessárias para melhor resolvê-las” (DESCARTES, 2018, p. 23). Dessa forma, uma vez se deparando com um problema complexo, faz-se necessário dividi-lo em partes, de modo que um problema muito complexo, ao ser analisado em suas partes, se revele mais simples de ser resolvido. Dessa maneira, podemos estruturar o pensamento partindo das coisas mais simples até chegar nas mais complexas. A dificuldade em assimilar esse segundo passo do método se dá pelo fato de que:

57

[...] ele pertence a um campo epistêmico distinto daquele dominante na filosofia, chamado de “campo proposicional”. Neste último, relações são estabelecidas entre proposições, sendo umas derivadas das outras, por meio de um encadeamento ou processo de dedução e de organização (BATTISTI, 2022, p. 54-55, grifos do autor).

A afirmação deste comentador sugere que o método cartesiano opera em um “campo proposicional” específico, no qual o conhecimento avança através da organização de proposições que, por sua vez, revela o encadeamento lógico das mesmas. Dessa maneira, as verdades derivam umas das outras de forma sequencial. O contraste na filosofia que esse método propõe é visível no abandono da filosofia realizada a partir de dogmas ou baseada em intuições sem fundamento analisável. Dessa forma, o segundo passo garante uma organização, e uma estruturação do

pensamento, como um “separar de peças” na hora de montar um quebra-cabeça. Superando esse obstáculo, chegamos no terceiro passo:

O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para ascender, pouco a pouco, como que por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros (DESCARTES, 2018, p. 23-24).

Uma vez “separada as peças” do quebra-cabeça agora é o momento de juntar tudo e ver qual a imagem formada. Tendo inicialmente duvidado, depois dividido o problema, agora a estrutura começa a se firmar. O que anteriormente era construído sem uma base sólida, nem o menor rigor, agora surge como ponto de partida seguro e gera mais confiança com esse processo de conhecimento, pois, nesse momento, é possível solucionar pequenos problemas, que juntos solucionarão algo mais complexo. Por fim, “e o último, por fazer toda parte enumerações tão inteiras e revisões tão gerais, que eu estivesse assegurado de nada omitir” (DESCARTES, 2018, p. 24). Assim o autor expõe os quatro passos de seu método: a dúvida, a divisão, a organização, e a revisão. O último passo garante que nada passou despercebido, mostrando que, mesmo tendo trilhado os três passos iniciais, o conhecimento gerado ainda não pode ser considerado como um dogma, deve ser, antes de tudo, revisado.

58

Portanto, é possível inferir que tal método revolucionou a forma de pensar a filosofia no período moderno. O encadeamento lógico desses passos não segue uma lógica dogmática nem universal, o autor propõe que cada um siga sua razão, mas expõe um método que deu certo para ele de maneira especial. O caráter provisório da dúvida metódica impede o sujeito de cair num ceticismo extremo ou num dogmatismo fanático, mas ainda é necessário ter cuidado com o solipsismo que será investigado mais à frente.

3. UMA MORAL NÃO DOGMÁTICA: UMA FORMA DE DESENVOLVER O MÉTODO EM TERRAS ESTRANGEIRAS

Não basta ter um método investigativo e revolucionário. O sujeito que aplica o método, em algum momento, precisa também resolver problemas cotidianos, no campo da vida prática. Também nessa área Descartes contribuiu enormemente, através da exposição de sua moral provisória. Por conta das perseguições e censuras, foi necessário criar uma estratégia para viver tranquilamente enquanto desenvolvia o seu método. A esse planejamento foi caracterizado por ele de moral provisória, que pode ser subdividida em três aspectos que foram um todo coerente, a saber: obediência as leis locais, firmeza nas ações e se tornar cada vez melhor. A primeira máxima afirma:

A primeira era obedecer às leis e aos costumes do meu país, retendo constantemente a religião na qual Deus concedeu-me a graça de ser instruído desde a infância, e governando-me, em tudo o mais, segundo as opiniões mais moderadas, e as mais afastadas do excesso, que fossem comumente recebidas em prática pelos mais sensatos daqueles com os quais eu teria que viver (DESCARTES, 2018, p. 27).

59

Descartes compreende que no seu período a perseguição com os pensadores estava cada vez mais comum. Dessa forma, ele entende que está em uma situação de risco, pois o seu pensamento propõe uma ruptura violenta, o que antes era considerado uma certeza dogmática, agora deve ser colocado em dúvida. Com isso, é necessário que ao se estabelecer em determinado território, ele deve absorver os costumes locais, como uma forma de se “ocultar”, e consequentemente se defender. Nesse ponto, Descartes ainda discutirá que, dentre as civilizações existem pessoas sensatas, da mesma forma que existe entre eles, por isso, onde estiver, o mais racional a se fazer é aderir a cultura local (cf. DESCARTES, 2018, p. 27-28).

Ao prosseguir em sua estratégia, o filósofo francês dirá que: “minha segunda máxima era ser o mais firme e o mais resoluto em minhas ações que eu pudesse, e não seguir menos constantemente as opiniões mais

duvidosas quando estivesse a tanto determinado do que se fossem muito asseguradas” (DESCARTES, 2018, p. 28-29). Ainda que uma opinião ou determinado caminho for escolhido, mesmo sendo provisório, deve-se seguir com firmeza, evitando mudanças de rumo a todo momento. Por fim, a última máxima traz a seguinte resolução:

Minha terceira máxima era tentar sempre antes me vencer do que à fortuna, e mudar meus desejos do que a ordem do mundo, e geralmente me acostumar a acreditar que nada existe que esteja inteiramente em nosso poder senão nossos pensamentos, de sorte que, após termos feito nosso melhor no tocante às coisas que nos sejam exteriores, tudo o que não consiga nos tornar bem-sucedidos é, aos nossos olhos, absolutamente impossível (DESCARTES, 2018, p. 29-30).

Nesse terceiro ponto, é possível notar que Descartes busca sempre uma autossuperação. Quando o indivíduo se preocupa com aquilo que está ao seu alcance, ter autodomínio e aceitar que não se pode mudar todas as coisas no mundo, ele consegue buscar uma vida feliz. Há também uma dupla melhoria, um indivíduo que consegue ser cada vez melhor é capaz de viver bem e fazer com que a sociedade ao seu redor viva bem com sua presença. A mudança do sujeito implica, também, uma mudança do que está ao seu redor.

60

A moral provisória foi fundamental para que o pensador conseguisse desenvolver o seu método com segurança. Além disso, é possível constatar que esse conjunto de máximas temporárias que Descartes apresenta no *Discurso sobre o método* para guiar suas ações enquanto ele buscava verdades mais sólidas e construía seu sistema filosófico. Ela é fundamental para a sua filosofia ética, ligada à sua teoria das paixões e à busca pela verdade, guiada pela razão.

4. O EXTREMO DA DÚVIDA: O GÊNIO MALIGNO E AS COISAS EXTERIORES

Mesmo diante desse método, Descartes levantará uma problemática: E se tudo que pensei foi colocado por um Deus que queria me enganar? Essa hipótese é o ponto mais radical de seu pensamento, qualquer certeza

possível nesse ponto é descartada. A partir disso, o pensador partirá dessa hipótese, para demonstrar que Deus é bom e que não pode ser enganador...

Suporei, portanto, que há não um verdadeiro Deus, que é fonte soberana de verdade, mas um certo gênio maligno, tão astuto e enganador quanto poderoso, que empenhou toda a sua habilidade para me enganar. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos não passam de ilusões e embustes, dos quais ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo como não possuindo mãos, nem olhos, nem carne, nem sangue, como destituído de todos os sentidos, mas crendo falsamente possuir todas estas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a este pensamento; e se, desta forma, não está em meu poder chegar ao conhecimento de nenhuma verdade, pelo menos está em meu poder suspender meu juízo (DESCARTES, 2022, p. 31).

61

Duas consequências imediatas podemos inferir dessa afirmação de Descartes, a saber: a suspensão do juízo e a dúvida absoluta. A primeira é necessária, pois evidencia que é necessário suspender as crenças, a fim de encontrar demonstrações mais seguras. A segunda, por outro lado, apresenta um risco de cair num ceticismo extremo, incapacitando o ser pensante de encontrar uma verdade, ou então, de cair no solipsismo acreditando que sua existência é única e solitária no universo. A formulação da hipótese de que há um gênio maligno enganador e criador de ilusões é o ponto extremo a partir do qual o filósofo francês iniciará uma das defesas mais apreciadas na filosofia que é a da prova da existência de Deus e de que este é um Deus bom e fonte da verdade.

Ao lançar a hipótese da existência dessa entidade enganadora, Descartes mostra o equívoco do ceticismo extremo. Tendo esse gênio maligno, “portanto, se ele me engana, não há dúvida de que eu sou; e, por mais que ele me engane, não poderá jamais fazer com que eu não seja nada enquanto eu pensar que sou algo” (DESCARTES, 2022, p. 34). Dessa maneira, há uma garantia de que algo existe, um primeiro problema

conseguimos escapar que foi o do ceticismo, mas podemos cair ainda no problema do solipsismo. Tendo sido enganado posso garantir que existo, no entanto não posso assegurar a existência das demais coisas.

No entanto, apesar da dúvida para Descartes ser fundamental para garantir sua existência, ainda há uma insegurança, pois “*eu sou, eu existo*: isto é certo. Mas por quanto tempo? Ou seja, por tanto tempo quanto eu penso; porque talvez poderia acontecer que, se eu cessasse de pensar, cessaria ao mesmo tempo de ser ou de existir” (DESCARTES, 2022, p. 37, grifos nossos). A afirmação apresentada traz um questionamento pertinente: eu existo apenas enquanto eu penso? A incerteza, anteriormente, era se o indivíduo existia, relacionando o pensamento com a existência a dúvida passa a ser se eu existo apenas durante o ato de pensar. Portanto, Descartes resolve essa questão definindo o *self* (eu) não como um ser biológico ou físico, mas como uma substância metafísica cuja única propriedade essencial é a consciência de sua existência. A duração dessa substância é, por definição, dependente da continuidade desse pensamento.

No entanto, ao questionar sua existência, sua interioridade e a exterioridade do mundo, Descartes propôs a seguinte argumentação: “Mas então o que é que eu sou? Uma coisa que pensa. E o que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que também imagina e que sente” (DESCARTES, 2022, p. 38). A imaginação e os sentidos supõem a existência de algo exterior, mas tudo isso só é garantido graças a um ser supremo, no caso Deus, que é definido da seguinte forma: “Pelo nome ‘Deus’ entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu mesmo fui criado e produzido, e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem)” (DESCARTES, 2022, p. 57, grifos do autor). É necessário destacar que o *cogito*, no entanto, não garante a existência de um corpo físico, apenas da substância pensante.

A partir desse ponto, Descartes argumentará a favor da existência de Deus como um garantidor da existência das coisas exteriores. Para isso, o pensador, partirá de uma ideia inata e de grandezas distintas e infinitamente discrepantes:

Porque, embora a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de eu ser uma substância, eu não teria, no entanto, a ideia de uma substância infinita – eu que sou um ser finito – se ela não tivesse sido posta em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita (DESCARTES, 2022, p. 57).

Mais um passo foi dado pelo autor, ele afirma a primazia da substância infinita, pois um ser finito não poderia conceber um ser infinito. A partir disso, surge uma pergunta: seria possível conceber o infinito pela via contrária? O frio como contrário do calor, o pouco do muito... Descartes argumentará que:

E não devo imaginar que não concebo o infinito por uma ideia verdadeira, mas somente pela negação daquilo que é finito, da mesma forma que compreendendo o repouso e as trevas pela negação do movimento e da luz, já que, pelo contrário, vejo manifestamente que se encontra mais realidade na substância finita e, portanto, que de algum modo tenho em mim primeiramente a noção do infinito e depois do finito, ou seja, primeiramente a noção de Deus e depois a noção de mim mesmo (DESCARTES, 2022, p. 57).

63

A via contrária não pode ser responsável pelo infinito, pois a noção do infinito vem primeiro que a da finitude, portanto, a noção de Deus vem primeiro que a noção do indivíduo. Uma vez que um ser finito não pode ser determinante para formar a perfeição infinita, ele não pode ser a origem da ideia de um ser infinito (Deus). Portanto, a noção de Deus deve ser uma ideia inata, colocada na mente finita por um ser infinito, e concebida, primariamente, como um ser completo e positivo, não como uma mera negação de limites.

Por fim “e pergunto: a quem eu deveria minha existência? Talvez a mim mesmo, ou a meus pais, ou então a quaisquer outras causas menos perfeitas do que Deus, porque é impossível imaginar nada mais perfeito do que ele, nem mesmo igual a ele” (DESCARTES, 2022, p. 60). Sendo perfeito esse Deus, ele não pode ser um enganador, não é concebível que

algo perfeito tenha uma imperfeição, fica, portanto, determinado que esse Deus não pode ser um gênio maligno.

Dessa forma, tendo resolvido o problema do gênio maligno e de sua própria existência, mesmo que apenas imaterial, resta solucionar a seguinte questão: as coisas materiais realmente existem? Será na sexta *Meditações metafísica* que o autor apresentará aquele que constitui um dos mais belos argumentos da filosofia sobre a garantia da existência das coisas. O filósofo francês, parte da imaginação para supor a existência das coisas materiais, nesse sentido:

Tendo em vista, Descartes argumenta que a faculdade de imaginar que a alma possui aponta para uma *existência provável* das coisas materiais, sobretudo pelo fato de que, se possuímos tal faculdade, certamente ela não é inútil, mas deve servir para alguma coisa, ou seja, para formar imagens de objetos físicos (COELHO, 2023, p. 91-92, grifos do autor).

Com essa afirmação, é possível constatar que, em primeiro lugar a imaginação significa uma ideia, ou imagem. A partir disso, para poder criar imagens tende-se a aceitar a materialidade das coisas... Consequentemente, “quando considero atentamente o que é a imaginação, descubro que ela não é outra coisa senão uma certa aplicação da faculdade cognitiva ao corpo que lhe está intimamente presente e, portanto, que existe” (DESCARTES, 2022, p. 87).

Dando continuidade na argumentação, Descartes volta a refletir sobre os sentidos. Uma vez que a imaginação não garante em sua totalidade a existência da matéria, é preciso analisar outras faculdades da alma. Para isso, o filósofo adentra na questão das sensações “em primeiro lugar, é preciso que fique claro que, nesse momento das *Meditações*, quando Descartes menciona as sensações, ele não está se referindo àquelas que experimentamos corriqueiramente, como o sabor de um alimento, por exemplo” (COELHO, 2023, p. 93, grifos do autor). O leitor, nesse momento, deve ter reparado que até então, Descartes não demonstrou com certeza de que os corpos existem. O que temos até agora é apenas uma suspeita.

Tendo a compreensão de que as sensações não significam necessariamente algo corporal, pode-se inferir que, essa consciência de algo diferente da substância pensante, é possível que a alma se sinta ligada a algo que não é ela mesma. Ou seja, se a alma tem uma capacidade de criar imagens (imaginar) ou de sentir, isso poderia pressupor a existência de um corpo.

Descartes trilha um caminho que conduz a aceitação das coisas materiais. Em primeiro lugar, o filósofo em questão apresenta que tem ideias sensíveis involuntárias, em seguida aponta que essa questão deve ter uma causa, causa esta que não é ele próprio. Como inferimos anteriormente, Deus não é um gênio maligno e enganador, logo pode-se afirmar que a causa provável de tudo isso são os corpos materiais, ou seja, quando sentimos frio ou fome são sentimentos que vem da alma, mas não são produzidos por ela, não se controla esses fenômenos apenas com o pensamento, sendo necessário se agasalhar e comer algo, Deus sendo perfeito, não colocaria essas ideias falsas em nosso intelecto, por isso, faz-se necessário que essas coisas existam materialmente.

Nesse sentido, “com base nessa convicção, Descartes pode estabelecer não apenas que existem corpos externos, mas também que um corpo é unido de modo particular à mente, e esse é o ‘meu’ corpo” (SCRIBANO, 2007, p. 153, grifos da autora). Dessa forma, o autor conhecido por seu dualismo, muitas vezes é compreendido de maneira errônea, ao pensar que essa dualidade é extrema. Pelo contrário, o corpo e a alma, estão de tal forma unidos, que parecem ser uma coisa só, mesmo sem deixar de ser substâncias diferentes.

65

5. CONCLUSÃO

Ao analisar o pensamento do filósofo francês, René Descartes, partimos de seu método, que propõe duvidar de tudo aquilo que não se tem certeza, ao chegar no final do processo, o pensador propõe uma revisão de tudo aquilo que foi estudado. Como estava fugindo de perseguições por conta de seu pensamento, ele também propõe uma moral provisória, que se vale na aceitação das leis locais, para ter além de

um conforto para estudar, ter também tempo para desenvolver seu pensamento, sem entrar em contradição na vida prática.

Sua dúvida metódica é tão extrema, que além de pôr em “xeque” toda a realidade material, considera Deus como uma entidade enganadora, que fará todo o possível para que ele não conheça a realidade. Superando essa primeira impressão, Descartes começa a levantar os muros do conhecimento, que teve como pedra fundamental a dúvida. Não uma dúvida extrema como a dos céticos, mas uma dúvida metódica, que dará lugar a uma verdade. Ao concluir que Deus não é um gênio maligno, o filósofo francês, sustentará a sua argumentação a partir de dois alicerces principais, sua mente (*res cogitans*) e no Deus bom e perfeito (*res infinita*). O que garante, ao fim a existência das coisas materiais.

Tendo constatado a existência da matéria, posteriormente, ele defende a união entre duas substâncias, corpo e alma. Com essa aproximação, há uma tendência em rotular Descartes como um dualista extremo, no entanto, a união entre essas duas substâncias parece ser algo inerente entre si, que se confundem. O sentir, pode ser uma faculdade da alma, mas depende inteiramente do corpo, ao sentir fome é o corpo que se alimenta, por mais que seja algo da alma.

Portanto, nota-se que Descarte, a partir de seu pensamento epistemológico e metafísico, faz uma grande revolução na filosofia. Por isso muitos o consideram como um dos precursores da filosofia moderna e o iniciador do que seria o método científico. É ele quem vai quebrar os muros advindos do período medieval, para levantar um novo fundamento sobre o conhecimento. Colocará tudo em dúvida, desde a tradução filosófica, o seu corpo físico e até mesmo Deus. O fato de ter o pensamento interior como um dos motores que conduzirá toda sua filosofia, traz de volta para a filosofia o “eu” que no período medieval estava sujeito a autoridade religiosa. Essa revolução inaugura uma nova forma de se pensar a filosofia, não de forma dogmática, mas de forma livre.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, César Augusto. **Os quatro preceitos metodológicos do discurso do método**. Cadernos Espinosanos. Toledo, n. 47, p. 37–62, jul-dez 2022.

COELHO, Rafael Teruel. **Descartes e a metafísica das Meditações**. São Paulo: Paulus, 2023.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Meditações metafísicas**. Petrópolis: Vozes, 2022.

SCRIBANO, Emanuele. **Guia para leitura das Meditações metafísicas de Descartes**. São Paulo: Loyola, 2007.

CAIO OLIVEIRA SOUTO

<http://lattes.cnpq.br/1506441138761061>